

# CONSTRUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS <sup>1</sup>

**FABRI, Ana Sophia<sup>2</sup>; RANGEL, Eliane<sup>3</sup>; BARIN, Nilsa Reichert<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Artigo final produzido no PROBIC- Projeto de bolsista à Iniciação Científica: **Construção de material didático para ensino de Português para estrangeiros**, financiado pela PRPGPE da UNIFRA.

<sup>2</sup> Acadêmica bolsista do Curso de Letras Português/Inglês do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Professora orientadora do PROBIC/UNIFRA

<sup>4</sup> Professora orientadora do Projeto “ O ensino de português como língua estrangeira” na UNIFRA.

## RESUMO

Neste artigo, que resulta de um *Projeto de bolsista à Iniciação Científica*, Probic, objetivou-se a preparação do acadêmico para a construção de material didático de Português para estrangeiros, baseando-se em teorias linguísticas e de aprendizagem. Para isso, após a revisão da literatura existente, foram selecionados diferentes gêneros textuais que abordam diversas questões relacionadas ao cotidiano, além da cultura Brasileira, e foram criados exercícios que aumentem gradativamente o grau de dificuldade. Enfrentaram-se alguns desafios para a realização deste projeto e desenvolvimento do material, pois, para auxiliar o projeto de extensão *Português para Estrangeiros*, criando material de apoio, fez-se necessário um acompanhamento das aulas para conhecer a dinâmica necessária a ser empregada. Assim, como resultado, temos alguns materiais didáticos produzidos, os quais auxiliarão os professores do referido projeto de extensão, servindo de apoio para as aulas dos próximos semestres.

**Palavras-chave:** material didático; ensino; português para estrangeiros.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Com a facilidade de comunicação entre as mais diversas comunidades em função das novas tecnologias e conseqüente globalização, ter domínio de outros idiomas tornou-se uma necessidade. Entretanto, alguns idiomas apresentam um maior prestígio do que outros e acabaram sendo considerados universais. O português, aos poucos, começou a ganhar mais prestígio, principalmente, após o evento do Mercosul. Assim, o ensino da Língua Portuguesa começou a passar por uma nova etapa como língua estrangeira. Com a globalização, há a necessidade de integração linguística, principalmente, em regiões que vivem do turismo e, conseqüentemente, do comércio. Nesse sentido, Almeida Filho (2001, p. 40) menciona que, com o aumento dos acordos entre os países signatários do Mercosul, e também das relações comerciais entre o Brasil, a Europa, Estados Unidos e Japão, aumenta a conscientização de que falar apenas uma língua já não é mais suficiente, e “a integração linguística deve anteceder, ou no mínimo ser simultânea à integração cultural, a qual é vista como elemento essencial na aceleração do processo de desenvolvimento conjunto”.

Devido à recente valorização do aprendizado do Português como segunda língua, são poucos os materiais produzidos para a orientação de produção de materiais didáticos e estudos relacionados ao ensino nessa área. Contudo, utilizam-se materiais teóricos voltados para o ensino de Inglês, como estratégias de leitura, consideradas comuns a várias línguas, subsídio e base para desenvolver o projeto e, conseqüentemente, para desenvolver o material didático.

Segundo Kunzendorff (1989, apud FURLAN, 2008), o Brasil possui um lugar de destaque no cenário político-econômico-mundial e, dessa forma, vem ocorrendo um grande crescimento no número de aprendizes da Língua Portuguesa como língua estrangeira (PLE). Devido ao aumento na procura pelo ensino de Português, estudos vêm sendo desenvolvidos desde o início dos anos 60 e começaram a crescer mais nos anos 90, quando várias universidades do Brasil começaram atividades e projetos de Português como segunda língua. Porém, as pesquisas destinadas à produção de material didático de português para estrangeiros revelam-se ainda insuficientes em relação à demanda.

O Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) possui um projeto de extensão denominado *O ensino de Português como língua estrangeira* (há cerca de 15 anos) no qual alunos do curso de Letras podem atuar, dando aulas de português gratuitamente para estrangeiros que permanecem na cidade por algum tempo, em função de convênios ou parcerias com outros países. A instituição conta ainda com um convênio com escolas uruguaias, as quais anualmente recebem nossos acadêmicos/bolsistas que trabalham no projeto para lecionar português, durante uma semana, em três cidades do Uruguai. Além disso, as professoras (coordenadora do projeto e voluntárias) do curso de graduação em Letras também fazem um trabalho no Uruguai, avaliando, ao final do ano letivo, o desempenho dos alunos uruguaios em português.

A seguir, o presente artigo apresenta uma fundamentação teórica a partir de leituras realizadas durante o projeto de iniciação científica, o qual buscou produzir material didático de português para estrangeiros, com base em discussões de teóricos que trabalham nessa área, visando a auxiliar o projeto de extensão com um material suporte.

## **2. O PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA**

De acordo com Leffa (1988), precisa-se compreender que existe uma distinção entre Língua Estrangeira e Segunda Língua. Quando se fala em Língua Estrangeira, faz-se referência ao aprendizado de uma língua não materna, dentro de sala de aula, fora de um contexto o qual exige que o aprendiz se comunique nessa língua, ou seja, a comunidade na qual ele está inserido não faz uso dessa língua. Já, quando se fala em Segunda Língua, o aprendiz, além de estudar uma nova língua, também a utiliza, ou seja, está inserido em uma comunidade que faz uso da língua a qual esse indivíduo está aprendendo. Dessa forma, pode-se concluir que o contexto no qual o aluno do projeto se insere, já descrito no início deste trabalho, refere-se a estudantes de uma Segunda Língua.

Além disso, pode-se afirmar que os alunos do projeto *O ensino de português como língua estrangeira* caracterizam-se como sujeitos ativos, os quais utilizam constantemente a segunda língua a qual estão aprendendo, fazendo com que se transformem em agentes independentes e criativos que podem ser inseridos na teoria de Stephen Krashen (1981) de aquisição de uma segunda língua. O linguista trata da

“*language acquisition*” (aquisição de língua), a qual se refere ao processo de assimilação natural de uma língua. É intuitivo e subconsciente, já que é fruto de situações de interação real do convívio com outras pessoas. Nesse processo, o sujeito acaba desenvolvendo a sua habilidade prática-funcional sobre a língua falada e não o conhecimento teórico.

Reis da Costa (2001, p. 99) defende a utilização de uma abordagem comunicativa ao ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros, pois a autora acredita que isso facilita a aquisição do aprendizado, tornando-o mais dinâmico e eficaz. Nesse sentido, no caso dos estudantes do projeto, o uso de vídeo, programas de televisão, texto e novela, acompanhadas de atividades, compreendem estratégias apropriadas, pois aumentam a motivação para aquisição da linguagem por meio de debates ou discussões, gerando maior interação por parte dos alunos envolvidos na aprendizagem.

Na pesquisa feita pela autora supracitada em dois Centros de Estudos Brasileiros (CEB), mantido pelo governo brasileiro no exterior, notou-se o uso de estratégias didáticas diversificadas e apropriadas, direcionadas pelos professores, ao analisar textos, trechos de documentários e novelas, o que possivelmente levou os alunos a aprenderem de uma maneira mais dinâmica, natural e madura.

Nos CEBs, segundo Almeida Filho (2001, p. 101), percebe-se que

a maior utilização de material autêntico e de audiovisual, contextualização das aulas e ampliação de informações culturais significativas facilitam a aquisição/aprendizagem, propiciando aos alunos crescimento intelectual e humanístico em contexto intercultural.

A respeito dos alunos que estudam nos CEBs, Almeida Filho (2001, p. 101) diz que “como as expectativas são grandes e a informação é pequena, urge trabalhar em prol de uma ampliação de dados que gerem maior competência cultural nos alunos dos Centros, que são, potencialmente, formadores de opinião sobre o Brasil em seus respectivos países”.

### **3. PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO**

Como já foi mencionado anteriormente, existem poucos materiais voltados à produção de material didático de português para estrangeiros. Dessa forma, ao iniciar a pesquisa para a produção de atividades, deparamo-nos com o mesmo problema que incomoda àqueles profissionais que se dedicam à produção de material didático: a necessidade de a prática preceder a teoria (SILVA, 2007). Segundo Matos (1997 apud SILVA, 2007, p.2). “Nenhum criador de material didático pode depender exclusivamente de fontes científicas, por mais completas que pareçam ou se anunciem: por isso a produção de livros e outros recursos é fundamentalmente criativa”. Por isso, para melhor compreender como planejar atividades para aulas de português para estrangeiros, é importante participar das aulas do projeto de extensão existente na instituição para perceber a realidade, atuando, na prática, como professora para, depois, partir para a construção do material adequado. Dessa forma, segundo Leffa (2003),

A produção de materiais de ensino é uma seqüência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem. Essa seqüência de atividades pode ser descrita de várias maneiras, envolvendo um número maior ou menor de etapas. Minimamente, deve envolver pelo menos quatro momentos: (1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo, onde a avaliação leve a uma nova análise, reiniciando um novo ciclo.

Como podemos observar na citação acima, o autor afirma que a produção envolve no mínimo quatro momentos. A primeira: a análise (1) deve levar em consideração, principalmente, as necessidades do aluno. O que ele já conhece, qual é o modo que aprender melhor etc., dessa forma, o material didático deve proporcionar-lhe a oportunidade de utilizar seus conhecimentos prévios, pois o que o aluno deve aprender vai depender também do que ele já sabe. Assim, essa análise inicial necessita não só constatar quais competências deverão ser desenvolvidas, mas também descontar dessas competências o que o aluno conhece um pouco ou já domina.

No segundo momento: o desenvolvimento (2) será estabelecido através dos objetivos que serão traçados após a análise das necessidades. Dentro dos objetivos, encontramos os *gerais* e *específicos*, os quais se revelam importantes, pois mostram ao aluno o que é esperado dele e, além disso, permite a quem elabora o material

constatar se a aprendizagem está ocorrendo, facilitando assim a avaliação. É importante ter em mente que o objetivo de aprendizagem deve ser sempre apresentado em termos do que o aluno deverá alcançar, sob a perspectiva do próprio aluno e não do material desenvolvido.

O objetivo de aprendizagem possui três componentes essenciais: 1) as condições de desempenho; 2) o comportamento que o aluno deve demonstrar (expresso por um verbo); 3) o critério de execução da tarefa. “A ênfase está na aprendizagem, naquilo que o aluno deve adquirir e no comportamento que ele deve demonstrar – não no ensino, não no material que vai ser usado para levar o aluno a atingir o objetivo”(LEFFA , 2003 p.18). Além disso, dentro do objetivo, é importante ressaltar que existem vários outros elementos presentes, como o domínio a ser desenvolvido na tarefa (domínio cognitivo, domínio afetivo e domínio psicomotor). Baseado no domínio, será possível caracterizar a forma como a atividade será desenvolvida, uma vez que essa deverá abordar uma ação voltada ao desenvolvimento de um dos domínios. Também, dever-se-á optar por um tipo de abordagem, ou seja, como o conteúdo selecionado será apresentado pelo professor e desenvolvido pelos alunos.

A implementação (3) dependerá de quem deverá utilizar-se do material produzido, pois se o material for utilizado pelo seu criador, ele saberá intuitivamente o que fazer durante o seu desenvolvimento. Já, se um professor não o produziu, será necessário instruções, para que esse saiba como apresentar o material aos alunos e como desenvolvê-lo ao longo das atividades. A situação mais delicada e que requer mais atenção é quando o aluno utilizar o material sem o acompanhamento do professor. Nesse caso, deverão ser feitas previsões a respeito das possíveis respostas a serem dadas pelos alunos. Nesse caso, o aluno não possui a oportunidade de ser tão criativo quanto poderia ser com suas respostas.

Por fim, a avaliação (4) pode ser feita de uma maneira mais informal, pois através dessa etapa, o professor que produz um material e depois o põe em prática, pode constatar o que funciona e o que deverá ser melhorado. Assim, deverão ser feitas alterações contínuas para o aprimoramento do que foi produzido.

#### **4. O ENSINO DE PORTUGUÊS PARA HISPANOFALANTES**

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem do Português, deparamo-nos com o fato de que já existe uma boa quantidade de falantes de língua espanhola, falantes nativos ou como língua estrangeira, o que, indiretamente, afeta o ensino do português, ou seja, o grande problema que se enfrenta ao fazer com que uma pessoa que fale em espanhol aprenda o português é que as duas línguas apresentam semelhanças. Assim, o aprendiz tende a querer fazer conexões tanto na fala como na escrita, e acaba falando “portunhol” na maioria das vezes, levando os professores a se questionar até que ponto o “portunhol” é aceitável em sala de aula e quais estratégias podem ser usadas para evitar que isso aconteça.

Quando se está disposto a aprender sobre uma língua estrangeira, o aprendiz precisa compreender que, por trás da linguagem, existem vários elementos ligados à cultura e à evolução pelo que o idioma passou e vem passando ao longo dos anos. Já, ao aprender uma nova língua para se comunicar, elementos ligados à evolução não são tão essenciais, no entanto aspectos ligados à cultura de cada falante são fundamentais. Sabe-se que os aprendizes de Português necessitam ter conhecimento das quatro habilidades: ler, escrever, falar e ouvir. Por isso, a ênfase deste trabalho recai sobre a construção de atividades dinâmicas, pois se acredita que, dessa forma, podem-se desenvolver todas as habilidades. Segundo Camacho (1988), toda a língua comporta variantes em função das identidades sociais dos interlocutores e também em função das condições sociais de produção discursiva.

## **5. METODOLOGIA**

A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, tem como propósito produzir material didático de português para estrangeiros para assim auxiliar o projeto de extensão de *O ensino de português como língua estrangeira* com um material suporte. Para desenvolver o material didático e atingir os objetivos propostos no projeto, foram selecionados diversos gêneros textuais atemporais escritos que abordam questões geográficas, históricas e culturais do Brasil e, a partir desses textos, foi feita a discussão do tema, bem como foram realizadas propostas de atividades com base na discussão do referencial teórico.

Na sequência, foram feitos exercícios gramaticais que operacionalizaram a compreensão da estrutura da Língua Portuguesa, atividades orais e escritas para

assimilação das estruturas gramaticais da língua-alvo. Essas atividades crescem em grau de dificuldade à medida que o curso vai se desenvolvendo. Além disso, essas atividades ainda serão compiladas em forma de apostila ou livro para que se possa usar no projeto de extensão.

Para que o material produzido estivesse de acordo com o público alvo, foram acompanhadas as aulas do projeto já que, como foi dito anteriormente, para a realização desta pesquisa, a prática precedeu a teoria devido ao pouco referencial teórico existente.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a globalização gerada pelo Mercosul, o aprendizado de uma nova língua, nesse caso o Português, se torna cada vez mais necessário. Dessa forma, visto que a língua portuguesa está em um período de recente valorização no mercado internacional, são poucos os materiais produzidos sobre o ensino e estudos relacionados a essa área. Assim, para que a produção de material didático de Português para estrangeiros ocorra, além de a prática preceder a teoria, pelo pouco material teórico existente, necessitamos buscar vários autores e textos, até mesmo os que abordam o ensino de uma segunda língua em geral, e não da língua portuguesa como língua estrangeira especificamente.

A realidade do aluno estrangeiro e seus conhecimentos são fatores necessários para o bom aproveitamento do material, uma vez que alguns hispanofalantes usam a proximidade fonético-fonológica entre as línguas como uma desculpa para a aprendizagem superficial da língua portuguesa, especialmente no que se refere a sua gramática. Por isso, além de o material ter um papel importante no estudo do aluno estrangeiro, a participação do professor no processo é fundamental na orientação e acompanhamento do desempenho no estudo da nova língua. Com base nisso, constata-se que a produção de um material didático está vinculada ao conhecimento do perfil dos alunos e às etapas por que eles passam, durante a permanência no país, no que se refere ao aprendizado da língua.

Portanto, para que a produção de material didático de português para estrangeiros ocorra, faz-se necessário não somente o embasamento teórico, mas a experiência docente, para que se possa constatar para qual público destina-se o material. Assim, compreende-se que tipo de exercício será necessário, quais assuntos e tópicos serão relevantes para o ensino-aprendizagem do aluno estrangeiro. Além disso, para que o material produzido consiga atingir, cada vez mais, positivamente os alunos, atendendo às suas necessidades, ele deverá ser constantemente alterado e melhorado para, assim, ter um bom resultado na aprendizagem e desempenho dos estudantes.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas**. São Paulo: Pontes, 1993.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **O ensino do português para estrangeiros: pressupostos para o planejamento de cursos e elaboração de materiais**. São Paulo: Pontes, 1997.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. (org). **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. São Paulo: Pontes, 2001.

CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In: **Subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa no 1º e 2º Graus**. São Paulo, SE-CENP, v. 3, 1988.

DA SILVA, S. D. J. **Considerações sobre a Análise Crítica do Discurso no Ensino de Português Língua Estrangeira**. Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Lingu@gem. 1º semestre de 2007. Ano 1. n º1.

FURLAN, Cássia Cristina; **Povos do Brasil: quem são eles nos livros didáticos de Português como língua estrangeira? ANAIS DO SETA**, Volume 2, 2008

KRASHEN, Stephen D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Pergamon Press Inc, 1981.

LEFFA, V. J. Como produzir materiais para o ensino de línguas In: **Produção de materiais de ensino** : teoria e prática .1 ed. Pelotas : Educat, 2003, v.1, p. 13-38.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada**: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p.211-236.

REIS DA COSTA, Sonia Regina. O ensino de Português para estrangeiros em dimensão intercultural: rumo à expansão de adequada imagem do Brasil. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos. (org) **Português para estrangeiros interface com o Espanhol**. São Paulo: Pontes, 2001.